

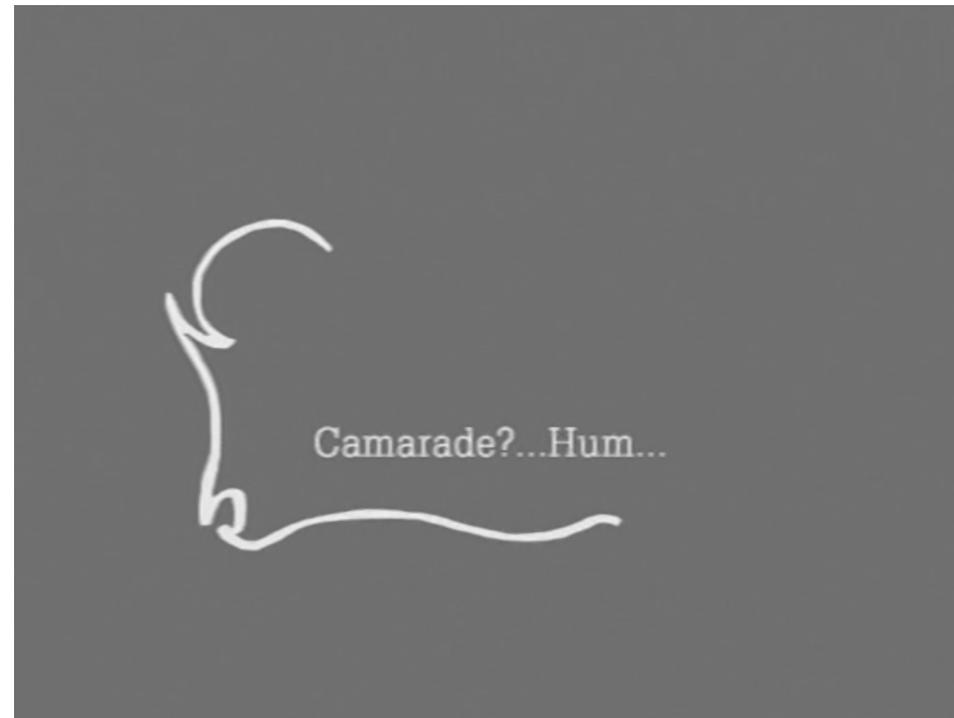


## RECONTRE UNIQUE 2007

**Realização, argumento e diálogos:** Manoel de Oliveira  
**Para o filme coletivo:** *Chacun son Cinéma ou Ce petit coup au cœur quand la lumière s'éteint et le film commence*  
**Direção de fotografia:** Francisco de Oliveira  
**Montagem:** Valérie Loiseleux  
**Interpretação:** Michel Piccoli (Nikita Khrouchtchev), Duarte de Almeida (Papa João XXII), Antoine Chappey (secretário de Khrouchtchev)  
**Produção:** Festival international du film de Cannes, Elzévir Films (França)  
**Produtores:** Gilles Ciment, Gilles Jacob, Jacky Pang Yee Wah, Corinne Golden Weber, Wong Kar-Wai  
**Duração:** 3 minutos  
**Imagem:** DV, preto e branco  
**Estreia Mundial:** Festival de Cannes, 20 de maio de 2007

**Estreia em Portugal:** Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 17 de dezembro de 2008.

Em *Rencontre Unique*, curtíssima metragem de três minutos que integra *Chacun son Cinéma ou Ce petit coup au cœur quand la lumière s'éteint et que le film commence*, filme coletivo realizado em 2007 para comemorar o 60.º aniversário do Festival de Cannes - e que poderíamos traduzir como "Cada um o seu cinema ou aquele pequeno aperto no coração quando a luz se apaga e o filme começa" -, Manoel de Oliveira encena, com humor, um encontro entre Nikita Khrouchtchev e o Papa João XXIII. Explorando o efeito cômico do que, à partida, parece ser um confronto entre duas personagens (duas mundividências) de costas voltadas e, como tal, presumivelmente destinadas a não se encontrarem, o filme coloca-as frente a frente como dois "camaradas". Não consta que os



dois dirigentes se tenham efetivamente alguma vez encontrado, embora se saiba que a filha do líder soviético foi recebida, a 7 de março de 1963, em audiência pelo pontífice, a quem entregou uma carta do pai que, como a própria o recorda, "expressava apreço pelos seus esforços pela paz", tendo recebido em resposta uma outra carta onde o Papa "manifestava a esperança de passos futuros para uma aproximação".<sup>1</sup> E, de facto, além das "origens camponesas" comuns e de ambos terem vivido as dramáticas experiências das duas guerras mundiais, as duas figuras partilhavam algumas afinidades: o primeiro é conhecido pela sua vocação reformista (nomeadamente, pela destalinização da URSS) e por ter sido partidário de uma "coexistência pacífica" que pressupunha uma abertura da União Soviética ao relacionamento

com as potências ocidentais; o segundo, por ter convocado o Concílio Vaticano II (assumindo uma atitude reformista da Igreja Católica) e por se ter mostrado particularmente preocupado com a paz mundial, ameaçada pela Guerra Fria.

No filme de Oliveira outras parecem ser, porém, as possibilidades de aproximação como outras são também as afinidades. Intrigado com a figura de João XXIII, Khrouchtchev pergunta ao seu secretário quem é aquele sujeito corpulento vestido de branco. Este responde-lhe que é um "camarada", o dirigente do mundo dos católicos, o que provoca a reação imediata do líder comunista, pouco disposto a aceitar que possa aplicar-se esse honroso epíteto à individualidade em questão. O secretário explica-se melhor: "Porque não? Quando o camarada Staline nos mandava dançar, nós não dançávamos? Pois bem, a mesma coisa acontece com o camarada Papa... Quando diz aos seus

1. Declarações de Rada Khrouchtchev ao *L'Osservatore Romano*, 14 de agosto 2016.

camaradas católicos para rezarem, imediatamente eles se põem a rezar.” E a conversa fica por aqui. Sentindo-se observado, o “camarada Papa” levanta-se e, atravessando a sala distribuído bênçãos aos presentes, que prontamente respondem com respeitadas vénias, aproxima-se dos camaradas soviéticos. O secretário rejubila, Khrouchtchev mantém-se impenetrável. Os cumprimentos de cortesia transformam-se, como seria de esperar, num vingar de posições: o Papa faz o sinal da cruz, Khrouchtchev responde-lhe com o punho erguido. Mas, no meio desta aguerrida discórdia, colocando a mão no abdômen do líder soviético e olhando para a sua própria cintura, o pontífice constata que, apesar das inconciliáveis divergências ideológicas, têm decididamente “algo em comum” e ambos têm, de facto, barrigas proeminentes.

No centro do encontro, que depressa se mostra mais do que uma visão sombriamente pessimista ou uma simples anedota, está, porém, o cinema. A “entrada” no filme (que começa por se apresentar como uma filmagem de uma projeção de um filme) faz-se segundo uma progressiva anulação das referências espaciais à sala de cinema, passando da imagem do projecionista atrás do vidro da cabine de projeção à visualização da projeção do genérico sobre uma tela perspeticivada até chegar, finalmente, a uma coincidência perfeita entre o filme projetado dentro do filme e o filme propriamente dito. Se já em *Le Soulier de satin* (O Sapato de Cetim, 1985) Manoel de Oliveira recorreu a uma estratégia semelhante para estabelecer um confronto entre o teatro e o cinema - sendo que, neste caso, a projeção de um filme num palco ia, através do movimento de aproximação da câmara, conquistando gradualmente esse espaço até ocupar a totalidade da imagem -, a exploração do anacronismo técnico que vemos em *Rencontre Unique*, mais concretamente a remissão para o cinema mudo, reforça ainda mais o foco de interesse do realizador na materialidade cinematográfica. Com imagem a preto e branco, sem som direto (a música é de Éric Satie: “Gnossiennes” n.º 1) e com recurso a intertítulos, o filme recupera assim algumas das estratégias referenciais já ensaiadas por Oliveira numa das repetições de *Mon Cas* (1986) - ou, de um modo mais subtil, na sequência final

de *Party* (1996) -, radicalizando, no que toca aos intertítulos, a utilização que deles faz em *Francisca* (1981), *La Lettre* (A Carta, 1999) ou *O Princípio da Incerteza* (2002).

Também no que se refere aos atores, a escolha está longe de ser accidental. Michel Piccoli, que interpreta a personagem de Khrouchtchev é uma presença assídua nalguns dos últimos filmes de Oliveira, podendo, em todos eles (o que não será exatamente o caso no filme em questão), ser visto como um alter-ego do realizador. No papel de João XXIII, Duarte de Almeida, figura recorrente do universo do realizador que teria, neste filme, o seu segundo pontificado - a primeira vez que encarnara a figura de um Papa (no caso, Clemente XII) havia sido em *Palavra e Utopia* (2000) -, não deixa de ser, também, considerando que a personagem deixa ver à transparência o “ator” que a interpreta, João Bénard da Costa, então diretor da Cinemateca Portuguesa. O encontro entre Khrouchtchev e João XXIII é, por isso igualmente (e, talvez, no fim de contas) um encontro único entre dois grandes amigos de Oliveira.

Mas, o que *Rencontre Unique*, mais uma vez, ironicamente ilustra é uma convicção profunda do realizador, a saber: a arte é, por princípio e definição, apartidária; ela não deve submeter-se a determinações ideológicas nem servir propósitos políticos. É certo que, sem a polarização entre os dois modelos estéticos e de produção encabeçados por Hollywood e pelo Kremlin - apostados, uns e outros, e durante décadas, em “linguagens”, orientações e propósitos, à primeira vista, muito diferentes -, a história do cinema não teria sido a mesma. Certo é, contudo, também que, apesar de sempre ter afirmado o caráter apolítico da criação artística, os filmes de Manoel de Oliveira não deixaram, por isso (e no sentido próprio do termo), de ser políticos. Vendo bem, não será a barriga de Benilde, no drama místico que é *Benilde ou a Virgem Mãe* (1975), filmado durante a revolução, um signo político tão eloquente quanto a barriga dos “camaradas” de *Rencontre Unique*? Decididamente, além de uma fina ironia, há algo em comum entre todos os filmes de Manoel de Oliveira.

António Preto



Fotogramas do filme *Rencontre Unique* (2007) de Manoel de Oliveira